

Nietzsche e a construção do diagnóstico da temporalidade moderna tardia: o apequenamento do último homem nos mecanismos impessoais do trabalho moderno

Nietzsche and the construction of the diagnosis of late modern temporality: the diminution of the last man in the impersonal mechanisms of modern work

Nietzsche y la construcción del diagnóstico de la temporalidad tardomoderna: la disminución del último hombre en los mecanismos impersonales del trabajo moderno

Recebido: 05/05/2022 | Revisado: 15/05/2022 | Aceito: 16/05/2022 | Publicado: 21/05/2022

Dalila Miranda Menezes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7583-5772>
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil
E-mail: dalila.menezes@prof.ce.gov.br

João Edson Gonçalves Cabral

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9940-5769>
Universidade Estadual Vale do Acaraú, Brasil
E-mail: jotaedsoncabral@gmail.com

Marilha Vieira de Brito

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6658-2264>
Universidade Federal do Piauí, Brasil
E-mail: marilhabio@hotmail.com

Iara Tâmara Pessoa Paiva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8856-3793>
Faculdade Via Sapiens, Brasil
E-mail: iara.paiva@faculdadevia.sapiens.com.br

João Evangelista de Oliveira Neto

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5970-2953>
Universidade Federal do Ceará, Brasil
E-mail: joaoneto72@yahoo.com.br

Resumo

Seria possível identificarmos em nossas ações contemporâneas traços vinculadores com processos históricos mais amplos que ainda estariam em curso? Por mais que consideremos a especificidade de nossas vivências contemporâneas não é possível deixar de reconhecer coincidências preocupantes que nos vinculam aos tipos humanos avaliados pela crítica do olhar reflexivo de certas tradições filosóficas, aqui circunscrita à filosofia nietzscheana. O objetivo deste artigo é nos servirmos da análise de algumas passagens em Nietzsche para nos auxiliar na tarefa de desvelarmos o significado do modo pueril de vida contemporâneo, afeito a uma tacanha doutrina da felicidade e da virtude que uniformizam suas ações e retiram suas possibilidades de desenvolverem uma direção própria segundo as exigências de suas singularidades. Nietzsche denominou seus contemporâneos como os “últimos homens”, aqueles que, segundo Zaratustra, “não sabem o que é amor, o que é criação, o que é anseio, mas dizem que inventaram a felicidade”, ou aqueles que “reduziram o trabalho a um passatempo, desistiram do que é penoso, conquistaram segurança e conforto, consideram que todos são iguais e vivem para os pequenos prazeres”. Quais caminhos percorre Nietzsche para compor seu juízo e apresentar este tipo humano rebaixado? Nós nos serviremos de dois fatos recentes e completamente distantes em sua localização geográfica e em sua dimensão política ocorridos, nos anos de 2021 e 2022, para ilustrar nossa condição contemporânea similar de apequenamento: o que a brincadeira de um grupo de crianças pode ter relação com o resultado das eleições presidenciais francesas?

Palavras-chave: Último homem; Pequenos prazeres; Trabalho; Nietzsche.

Abstract

Would it be possible to identify in our contemporary actions traces that link with broader historical processes that are still ongoing? As much as we consider the specificity of our contemporary experiences, it is impossible not to recognize worrying coincidences that link us to human types evaluated by the critique of the reflective look of certain philosophical traditions, here circumscribed to Nietzschean philosophy. The purpose of this article is to use the analysis of some passages in Nietzsche to help us in the task of unveiling the meaning of the puerile contemporary way of life, accustomed to a narrow doctrine of happiness and virtue that standardize their actions and remove their possibilities of developing a own direction according to the requirements of its singularities. Nietzsche called his contemporaries the “last men”, those who, according to Zarathustra, “do not know what love is, what creation is, what

longing is, but they say they invented happiness”, or those who “reduced labor to a pastime, they have given up what is painful, they have gained security and comfort, they consider that everyone is equal and they live for small pleasures”. What paths does Nietzsche take to compose his judgment and present this debased human type? We will use two recent facts, completely distant in their geographical location and in their political dimension, that occurred in the years 2021-2022, to illustrate our similar contemporary condition of diminution: what the play of a group of children can be related to the outcome of the French presidential elections?

Keywords: Last man; Small pleasures; Work; Nietzsche.

Resumen

¿Sería posible identificar en nuestras acciones contemporáneas huellas que se vinculen con procesos históricos más amplios y aún en curso? Por más que consideremos la especificidad de nuestras experiencias contemporáneas, es imposible no reconocer preocupantes coincidencias que nos vinculan a tipos humanos evaluados por la crítica a la mirada reflexiva de ciertas tradiciones filosóficas, aquí circunscritas a la filosofía nietzscheana. El propósito de este artículo es utilizar el análisis de algunos pasajes de Nietzsche para ayudarnos en la tarea de develar el sentido de la pueril forma de vida contemporánea, acostumbrada a una estrecha doctrina de la felicidad y la virtud que uniformiza sus acciones y elimina sus posibilidades. de desarrollar una dirección propia acorde a las exigencias de sus singularidades. Nietzsche llamó a sus contemporáneos los “últimos hombres”, aquellos que, según Zaratustra, “no saben qué es el amor, qué es la creación, qué es el anhelo, pero dicen que inventaron la felicidad”, o aquellos que “redujeron el trabajo a un pasatiempo, han renunciado a lo doloroso, han ganado seguridad y comodidad, consideran que todos son iguales y viven para los pequeños placeres”. ¿Qué caminos toma Nietzsche para componer su juicio y presentar este tipo humano degradado? Usaremos dos hechos recientes, completamente distantes en su ubicación geográfica y en su dimensión política, acaecidos en los años 2021 y 2022, para ilustrar nuestra similar condición contemporánea de disminución: con qué se puede relacionar el juego de un grupo de niños. ¿el resultado de las elecciones presidenciales francesas?

Palabras clave: Último hombre; Pequeños placeres; Trabajo; Nietzsche.

*Quem é capaz de ver o todo, é filósofo;
quem não é capaz, não é.
Platão*

1. Introdução

Dois fatos diametralmente afastados no espaço continental geográfico e distantes na alargada implicância sócio-política da narrativa em que se situam, engendram, em nosso entendimento, pontos de convergência aparentemente imperceptíveis de se alcançar a curta distância e ofertam ligações que os remetem para a composição de traços comuns do que poderíamos chamar, nos termos da terminologia nietzscheana, do rebaixado tipo humano contemporâneo: de um lado do oceano, temos o desprezível desfecho de uma brincadeira de um grupo de crianças em uma pequena cidade da serra da Ibiapaba, interior do Ceará, no Nordeste brasileiro, em 2021 e, do outro lado, o resultado das eleições presidenciais da França em abril de 2022.

Começamos pelas crianças para apontar traços mais amplos do tipo humano presente em nossa temporalidade contemporânea que desejamos alcançar: em 2021 um grupo de crianças brincava numa pequena praça pública onde se situa uma igreja bastante influente na comunidade carente em que está inserida, localizada em uma cidade na região serrana da Ibiapaba cearense. Não seria impróprio comentar o tradicional descaso brasileiro, em geral, e das autoridades e órgãos gestores municipais, em particular, em fomentar espaços públicos minimamente organizados e convidativos para o simples lazer das populações fragilizadas dessas cidades. Nas cidades interioranas, em alguns casos, a existência de espaços públicos está atrelada à promíscua relação entre interesses políticos e religiosos, o que se confirma nesse caso em específico. O fato é que em um espaço público de uma pequena cidade interiorana se situa uma praça onde cerca de cinco crianças brincavam de correr e se esconder umas das outras. Tal praça contempla em seu centro uma igreja onde o pároco responsável se arvora o direito de legislar sobre o uso do espaço público em torno da igreja e, seguindo suas próprias determinações, simplesmente proibiu as crianças de ultrapassarem determinado ponto da praça próximo da igreja sob a alegativa de que o barulho proveniente das

brincadeiras infantis “atrapalhava” a condução do ritual religioso. Destaque-se o “detalhe” de que estes mesmos rituais são celebrados ao menos entre duas a três vezes por semana com o uso de microfones e equipamentos amplificadores, com altura suficiente para se ouvir com perfeição – mesmo que não se queira – a uma distância de mais de cinquenta metros, o que viola diretamente a legislação que trata do uso público de ondas sonoras. Colhendo a narrativa de uma das crianças que participou desta experiência desprezível, o pároco teria dito algo nos seguintes termos: “Até aqui vocês podem brincar! Daqui em diante vocês estão proibidas de passar!” Qual dimensão e lastro do vazio e da arrogância são suficientemente necessários para engendrar atitude tão desprezível?

O resultado das eleições presidenciais francesas de 2022 resguardam dois fatos preocupantes que parecem, cada vez mais, sinalizadores de um sintoma político em curso no planeta: o descaso pela política e o avanço da extrema direita. No segundo turno das eleições francesas o candidato conservador Emmanuel Macron venceu a candidata de extrema direita Marine Le Pen, pleito que reproduziu as mesmas forças políticas que haviam se enfrentado em 2017. O dado preocupante nas eleições francesas é a quantidade de abstinência de votos (em torno de vinte oito por cento do total de votos), além do aumento substancial de votos na extrema direita, em relação ao último pleito (triplicado em relação às eleições de 2017), representada pela candidata Le Pen. Como explicar o aumento de forças políticas que desprezam a vida e as instituições democráticas em proporção similar ao crescimento do desinteresse político presente na abstinência das votações?

Estes dois fatos separados por distância oceânica, tanto em relação ao espaço geográfico, como em relação às condições sociais e econômicas dos diversos grupos envolvidos, e, obviamente, pelo peso político que configuram, indica um caminho preocupante do tipo humano contemporâneo. Tomados como sintoma de algo mais amplo, tais referências podem ser consideradas como expressão de uma incapacidade de olhar para o outro, ou, de outro modo, pela reiterada persistência do olhar voltado para si. Veremos ao longo de argumentações presentes neste artigo, que tais situações preocupantes, aparentemente desconexas, podem ser compreendidas a partir das indicações de Nietzsche, que já no seu tempo, conceberia para aquelas situações a sinalização de vidas tomadas de assalto pelo aburguesamento da singularidade e sua consequente captura pelo trabalho repetitivo e pelo vazio abissal. Para Nietzsche, a via do esquecimento de si corrói e deteriora a individualidade a ponto de nos tornarmos “pequenos”, vazios, cínicos e titubeantes em nossas valorações morais, o que resulta em ações irresponsáveis, plenas de descaso para com a própria vida e para com a vida dos outros. Em suma, somente um vazio atordoante pode resultar no capricho arrogante de quem paralisa um dos fluxos mais enriquecidos da existência altiva, afinal, como entender alguém que se atreve a impedir crianças de manifestarem seu afã pela vida, ou alguém que se esquivava de participar de uma manifestação política que pode estancar o avanço da barbárie? Será que a filosofia poderia nos dizer algo sobre tais fatos tomados como sintomas de nosso tempo em curso?

2. Metodologia

Nossa pesquisa consiste em uma investigação qualitativa (teórica e analítica) em torno de três conceitos específicos presentes no pensamento de Friedrich Nietzsche (184-1900), quer sejam, os conceitos de Último Homem, Pequenos Prazeres e Trabalho. Nossa metodologia se articula em torno da leitura imanente de algumas obras de Nietzsche com a delimitação centrada em passagens que permitam, ou a expressão, ou a concatenação dos três conceitos supracitados que formam o eixo epistêmico de nossa exposição, cujas obras serão em seguida referidas. Outro aspecto integrador de nossa diretriz metodológica consiste em cotejarmos certos aspectos do comportamento e da vida do homem moderno tardio com aspectos e comportamentos da vida contemporânea, para, a partir de uma aproximação analógica que resguarde os traços específicos de cada temporalidade histórica sem dissolvê-las ou confundí-las, permitam-nos situar nossa epocalidade como ainda pertencente conceitualmente aos contornos conceituais conferidos pela impostação reflexiva de Nietzsche. Para tanto tomamos como principais referências bibliográficas as seguintes obras consultadas: Fragmentos do Espólio: primavera de julho de 1884 a

outono de 1885 (Seleção, Tradução e Prefácio de Flávio R. Kothe. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008), Fragmentos Finais (Seleção, Tradução e Prefácio de Flávio R. Kothe. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007), Fragmentos Póstumos: 1887-1889, Volume VII (Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012), Genealogia da moral (Tradução de Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 1998), Humano, demasiado humano, Volume I (Tradução de Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das letras, 2005), Humano, demasiado humano, Volume II (Tradução de Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das letras, 2008), O Anticristo (Tradução de Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2007).

3. Resultados e Discussão

Se formulássemos os dois problemas recém-apresentados (1. Como entender alguém que se atreve a impedir crianças de manifestarem seu afã pela vida, ou alguém que se esquivava de participar de uma manifestação política que pode estancar o avanço da barbárie? 2. Será que a filosofia poderia nos dizer algo sobre tais fatos tomados como sintomas de nosso tempo em curso?) e o apresentássemos a Nietzsche, sua resposta provavelmente teria um endereço certo no seu ponto de partida: a famosa passagem extraída da obra *Zaratustra*, o personagem que dá nome à obra caracteriza os homens do seu tempo – ou seja, os homens do final do século XIX – como “homens pequenos”, ou os “últimos homens”. De acordo com *Zaratustra*, os homens:

[...] ficaram *menores* e se tornam cada vez menores: - *mas isto se deve à sua doutrina da felicidade e da virtude*. É que são modestos também na virtude – pois querem o bem-estar. Mas somente a virtude modesta condiz com o bem-estar [...] bem adivinhei toda a sua felicidade de moscas e seu zumbir junto a vidraças banhadas de sol. Tanta bondade e fraqueza enxergo eu. Tanta justiça e compaixão, tanta fraqueza. [...] Modestamente, abraçar uma pequena felicidade – a isso chamam “resignação”! E nisso já olham modestamente de soslaio para uma nova pequena felicidade. No fundo, simploriamente querem uma coisa acima de tudo: que ninguém lhes faça mal. Assim, são obsequiosos com todos e lhes fazem bem. Isso, porém, é *covardia* – embora se chame “virtude”. – [...]. (Nietzsche, 2011).

No início da passagem está presente a referência a um processo que se apresenta como tendência e que será considerado decisivo para Nietzsche, conforme explicitaremos paulatinamente ao longo de nossa exposição: o apequenamento do homem moderno tardio. Aqui é possível observar traços aparentemente ingênuos, levianos, como a bondade, a modéstia, compaixão e justiça. Vistos *prima face* são componentes característicos de altivez e envergadura de uma individualidade sofisticada, mas não esqueçamos que são comportamentos correspondentes de uma virtude modesta que condiz com a felicidade de moscas conjugadas em voos uniformes próximas de vidraças banhadas pelo sol (Nietzsche, 2011).

Ali, no voo coletivo de moscas zumbindo em uníssono – mais tarde voltaremos a essa imagem provocativa e a deciframos de modo mais convincente sua força metafórica – há “bondade” e fraqueza, “justiça” e “compaixão” e fraqueza. A via de interligação de tais atributos aparentemente nobres com sua vinculação a manifestações distintas da fraqueza é o lugar onde todas estas falsos atributos emergem: o ideal enfraquecido da pequena felicidade. É na sequência final da passagem transcrita que resguarda o mote enlaçador do conjunto de falsos atributos, no momento em que Nietzsche afirma que o desejo secreto dos últimos homens é que ninguém lhes faça mal no sentido de obstruir o impulso de abraçar a pequena felicidade. Vejamos como o último homem consegue engendrar a proeza de se contentar com tão pouco e quais as determinações mais estreitas deste ideal de felicidade e bem estar.

O primeiro movimento rumo ao apequenamento do homem é a desconsideração de atributos constitutivos daquilo que humano, – por exemplo, amor, criação e anseio – e amenizar o que é penoso, desgastante e degradante para o homem. Deste modo o último homem cria o ideal de felicidade associado à noção de “felicidade como vida amena”, o que exige a

transformação do trabalho – penoso e desgastante - em passatempo (Nietzsche, 2011). É neste sentido indicado que Machado afirma o seguinte:

Zaratustra define os últimos homens como os que não sabem o que é amor, o que é criação, o que é anseio [...] mas dizem que inventaram a felicidade [...] reduziram o trabalho a um passatempo, desistiram do que é penoso, conquistaram segurança e conforto, consideram que todos são iguais e vivem para os pequenos prazeres. (Machado, 2011).

É neste mecanismo de criação da felicidade acovardada no conforto, na modéstia e na mansidão que Nietzsche encontra a *mediocridade* do pequeno homem:

[...] virtude é o que torna modesto e manso: com ela transformaram o lobo em cão, e o próprio homem, no melhor animal doméstico do homem.

“Pomos nossa cadeira *no meio*” – diz-me seu sorriso complacente –, “tão distante de lutadores moribundos como de porcos satisfeitos.” Isso, porém, é *mediocridade*: embora se chame comedimento. (Nietzsche, 2011).

O segundo movimento do apequenamento do homem se situa na recusa de viver longe de suas próprias determinações – nas palavras de Nietzsche, o temor ante ao que seja próximo das inclinações de cada individualidade – para esvoaçar coletivamente qual moscas próximas da vidraria que as separam do sol (Nietzsche, 2011). O voo das moscas a que Nietzsche se referiu anteriormente começa a apresentar o seu significado oculto: a virtude da acomodação é uma estratégia mais ampla – reproduzida coletivamente – de contraposição ao que seja próprio de cada singularidade, e forma de amenizar o que há de mais desgastante e penoso para o homem, quer seja, o seu trabalho:

Na glorificação do “trabalho”, nas incansáveis referências a “benção do trabalho”, vejo a mesma ideia oculta que há no louvor às ações impessoais e de utilidade geral: a do temor ante o que seja individual. No fundo sente-se agora, à visão do trabalho – entendendo por isso a dura laboriosidade desde a manhã até a noite –, que semelhante trabalho é a melhor polícia, que ele detém as rédeas de cada um e sabe impedir o desenvolvimento da razão, dos anseios do gosto pela independência. Pois ele despense muita energia nervosa, subtraindo-a à reflexão, à ruminação, aos sonhos, às preocupações, ao amor e ao ódio; ele coloca diante da vista um pequeno objetivo e garante satisfações regulares e fáceis. Assim, terá mais segurança uma sociedade em que se trabalha duramente: e hoje se adora a segurança como a divindade suprema. – E então! Que horror! Precisamente o trabalho se tornou um perigo! Pululam os “indivíduos perigosos e por trás deles o perigo maior – o indivíduo.” (Nietzsche, 2004).

Aqui os termos do apequenamento do homem moderno tardio instaura toda força semântica de destituição do que é próprio de cada homem, na medida em que as energias despendidas no trabalho consomem o amor, o ódio, até os sonhos (também em um sentido fisiológico) – atributos reconhecidamente humanos – e os subvertem no pequeno objetivo de satisfações regulares e fáceis. O trabalho se tornou um perigo! O objetivo da inversão dureza-do-trabalho *versus* virtude-da-segurança se concentra no resultado final do processo de apequenamento presente na utilidade do último homem:

[...] a tarefa consiste em fazer o homem tanto quanto possível utilizável e, na medida em que isso de modo algum importa, aproximá-lo de uma máquina infalível; para essa finalidade, ele deve ser equipado com as virtudes de máquina (- ele tem que aprender a sentir os estados nos quais ele trabalha de maneira maquinamente utilizável como os de supremo valor: para tanto é necessário que os outros (estados) sejam tornados tanto quanto possível penosos pra ele, tanto quanto possível perigosos e suspeitos [...])(Nietzsche, 2002).

Outra passagem nos ajuda a complementar o argumento em curso, desta vez o trabalho que expropriou o amor, o ódio e o sonho reduziu o homem moderno à condição de um apêndice da máquina:

[...] gastos como o parafuso de uma máquina e, de certo modo, bode expiatório do espírito inventivo dos homens. É vergonhoso (...) que, por uma elevação de salário, vá a desaparecer o que há de essencial em sua miséria [do trabalhador], em seu avassalamento impessoal. É vergonhoso [...] que, por um aumento desta impessoalidade, no meio das engrenagens da máquina de uma nova sociedade, a vergonha da escravidão possa transformar-se em virtude! Vergonhoso também o preço pelo qual uma pessoa deixa de ser pessoa para converter-se em parafuso! Sois cúmplices da loucura atual das nações, essas nações que querem antes de tudo produzir muito e ser o mais possível ricas? (Nietzsche, 2002).

Dito de um modo mais claro, o apequenamento do homem moderno tardio em Nietzsche se volta para o movimento, em Nietzsche, em que o trabalho – tal como configurado na sociedade moderna – leva o homem à condição de escravidão, pois ela visa apenas à instrumentalização do homem a partir de ações meramente impessoais¹. O homem moderno perde a si mesmo ao tomar a busca pela felicidade centrada nos pequenos prazeres do bem-estar, como um valor a ser alcançado por meio do trabalho. Isto significa, para Nietzsche, que não importa que haja uma elevação do salário se o homem deixa de criar a si, deixa de valorar a partir de suas forças e potências para se submeter a valores emprestados de outrem (Nietzsche, 2008 b). Nas palavras de Nietzsche:

Aos homens ativos falta habitualmente a atividade superior, quero dizer, a individual. Eles são ativos como funcionários, comerciantes, eruditos, isto é, como representantes de uma espécie, mas não como seres individuais e únicos; neste aspecto são indolentes. – A infelicidade dos homens ativos é que sua atividade é quase sempre um pouco irracional. Não se pode perguntar ao banqueiro acumulador de dinheiro, por exemplo, pelo objetivo de sua atividade incessante: ela é irracional. Os homens ativos rolam tal como pedra, conforme a estupidez da mecânica. – Todos os homens se dividem em todos os tempos e também hoje, em escravos e livres; pois aquele que não tem dois terços do dia para si é escravo, não importa o que seja: estadista, comerciante, funcionário ou erudito. (Nietzsche, 2008 a)

Aqui, novamente, fica evidenciado o sentido maior da crítica de Nietzsche ao abandono que cada um faz de si mesmo para se tornar banqueiro, comerciante ou acadêmico. A máquina moderna representa a transformação das marcas próprias da individualidade, ou seja, das infinitas possibilidades da personalidade de cada um, em um movimento generalizado de impessoalidade em torno da máquina, que aqui representa o modo de vida moderno. O mecanismo aí implícito é a categorização vazia dos homens em versões burocratizadas e uniformes das ocupações burguesas, mecanismo onde se esvai não só a energia para amar, odiar e sonhar, mas a própria singularidade nas suas determinações mais íntimas. É por isto que Nietzsche afirma que:

A máquina é impessoal, subtrai à obra a seu orgulho, o que tem de individualmente bom e defeituoso, o que é inerente a todo trabalho não realizado à máquina – ou seja, seu tanto de humanidade. Antes, toda compra feita a artesãos era uma *distinção da pessoa*, e o comprador cercava-se de distintivos dela: os móveis, utensílios e vestimentas tornaram-se, dessa maneira, símbolos de mútua apreciação e afinidade pessoal, enquanto hoje parecemos viver apenas em meio a uma anônima e impessoal escravidão. – Não se deve pagar um preço alto demais pela facilitação do trabalho. (Nietzsche, 2008 b)

De modo complementar:

A máquina, ela mesma um produto da máxima energia intelectual, põe em movimento, nas pessoas que a utilizam, quase que só as energias inferiores, sem pensamento. Nisso libera uma infinidade de energia que senão permaneceria dormente, é verdade, mas não dá o impulso para subir mais alto, fazer melhor, tornar-se artista. Faz as pessoas *ativas e uniformes* – mas isso produz, ao longo prazo, um efeito contrário, um desesperado tédio da alma, que por meio dela ensina a aspirar por um ócio pleno de mudança. (Nietzsche, 2008 b)

¹ De acordo com Nietzsche: “A máquina ensina, por si mesma, o encadeamento das multidões, em operações em que cada um só tem de fazer uma coisa; ela fornece o modelo da organização de partido e de condução de guerra. Por outro lado, não ensina a soberania individual: faz de muitos uma só máquina, e de cada um, um instrumento para uma só meta. Seu efeito mais amplo é ensinar a utilidade da centralização” In: (Nietzsche, 2008)

Vistas em conjunto, as passagens acima transcritas de Nietzsche nos fornecem as pistas para a compreensão de certos traços presentes nos tipos humanos contemporâneos. A figura do último homem denunciada por Nietzsche e gestada na persistência na forma impessoal do trabalho moderno que destituiu nossa singularidade perpássaria e se multiplicaria, para Nietzsche, nos próximos duzentos anos, ou seja, desaguardaria no homem de hoje. De acordo com Oswaldo Giacoia:

O perigo da degeneração reside justamente no aprofundamento daquele processo de rebaixamento de valor que, sob a chancela da moralidade politicamente correta, transforma a humanidade num gigantesco formigueiro de *últimos homens*, que se auto interpretam como o sentido da história. Em sua hipócrita denegação da impotência para empreender a aventura arriscada de toda auto superação, os 'bons e justos' reduzem a figura do humano à sua própria imagem e semelhança [...] (Giacoia, 2002).

Vejam como o próprio Nietzsche testemunha o vaticínio sobre o tempo em que vivia e o qual esperava alcançar os próximos duzentos anos nos termos eloquentes da denúncia arrebatadora de Zarathustra. Afinal, o que Zarathustra tem a nos dizer sobre este tipo pequeno que voa em bandos como as moscas anteriormente referidas, ou pulula feito pulgas se esfregando com seus muitos iguais?

–“Vede! Eu vos mostro o *último homem*. [...] A terra se tornou pequena, então, e nela saltita o último homem, que tudo apequena. Sua espécie é inextinguível como o pulgão; o último homem é o que tem a vida mais longa. “Nós inventamos a felicidade” – dizem os últimos homens, e piscam o olho. Eles deixaram as regiões onde era duro viver: pois necessita-se de calor. Cada qual ainda ama o vizinho e nele se esfrega: pois necessita-se de calor. Adoecer e desconfiar é visto como pecado por eles: anda-se com toda atenção. Um tolo, quem ainda tropeça em pedras ou homens. Um pouco de veneno de quando em quando: isso gera sonhos agradáveis. E muito veneno por fim, para um agradável morrer. Ainda se trabalha, mas o trabalho é distração. Mas cuida-se para que a distração não canse. Ninguém se torna mais rico ou pobre: ambas as coisas são árduas. Quem deseja ainda governar? Quem deseja ainda obedecer? Ambas as coisas são árduas. Nenhum pastor e um só rebanho! Cada um quer o mesmo, cada um é igual: quem sente de outro modo vai voluntariamente para o hospício (...) Tem seu pequeno prazer para o dia e seu pequeno prazer para a noite: mas respeitam a saúde. “Nós inventamos a felicidade” – dizem os últimos homens, e piscam o olho.” (Nietzsche, 2011)

Será que a força da novidade presente na juventude poderia romper com as tramas do apequenamento do último homem? No aforismo 174 de *Aurora* (Nietzsche, 2004), intitulado “Os cotidianamente usados”, Nietzsche lança um olhar para a juventude que, impedida cotidianamente de seguir o curso da singularidade na escolha dos próprios caminhos, são condicionados pela força do hábito a seguir a via uniforme da vida em torno do trabalho e assim impedidos de seguir a própria direção. O traço de tragicidade nesta passagem a seguir é que Nietzsche parece tratar dos nossos jovens, ou da maioria de nós mesmos quando jovens, quando sugere, por exemplo, “um pouco de veneno de vez em quando” (Nietzsche, 2004) – visto na passagem anterior – para que a “distração” do trabalho não canse, bem como o ideal de férias e ócio, quando se pode folgar e ser estúpido e infantil à vontade. Quem é capaz de negar a força persuasiva das férias e pequenos prazeres como objetos preferenciais de nossa juventude? É deste modo, portanto que Nietzsche percebe a juventude tragada nas tramas do apequenamento do último homem, impedindo a possibilidade de ruptura da lógica de uma vida vazia:

A esses jovens não falta caráter, nem talento, nem diligência: mas nunca lhes deixaram tempo para dar a si mesmos uma direção; pelo contrário, desde a infância foram habituados a receber uma direção. Quando estavam maduros o bastante para serem “enviados para o deserto”, foi feito algo diferente – foram utilizados, foram afastados de si mesmos, instruídos para serem *usados cotidianamente*, ensinados a enxergar nisso um /dever – e agora não podem mais dispensar isso, e não querem que seja diferente. Apenas não se pode negar a esses pobres animais de tiro, as suas “férias” – como é chamado o ideal de ócio de um século sobrecarregado: quando se pode folgar e ser estúpido e infantil à vontade. (Nietzsche, 2004)

Qual seria o traço mais marcante da vida vazia do último homem? Segundo a apreciação de Nietzsche, o grande erro da humanidade foi transformar um meio de vida – representado pela repetição impessoal do trabalho e toda bestialização da própria singularidade que isto acarreta – em padrão de vida, relegando a primeiro plano a busca por uma intensificação da vida por metas e padrões de finalidade. Esta apreciação de Nietzsche ganha o estatuto de critério analítico para nosso próprio tempo, alcançando a previsão lançada da persistência de dois séculos para o último homem, afinal quem duvida que nós contemporâneos continuemos a organizar nossas vidas por metas e padrões de finalidade? Segundo Nietzsche:

A humanidade repetiu sempre o mesmo erro: ter feito de um meio de vida um padrão de vida: em vez de ela buscar a intensificação máxima da vida, no problema do crescimento e esgotamento, utilizou os *meios* para uma vida bem determinada a fim de excluir todas as outras formas de vida, em suma, para uma crítica e a seleção da vida: ou seja, o ser humano prefere finalmente os meios em função deles mesmos, *olvidando-os* como meios: de maneira que agora eles passam a aflorar-lhe na consciência como metas, como padrões de finalidades... ou seja, uma *determinada espécie de ser humano* encara suas condições de existência como condições a serem impostas por lei como “verdade”, “bem”, “perfeição”: *ela tiraniza...* (Nietzsche, 2012)

4. Considerações Finais

O resultado de todo o definhamento do homem moderno, referido por Nietzsche no conceito de homem pequeno ou último homem, é uma terminologia que nos permite amplificar nosso olhar para o mundo contemporâneo pelas lupas da coincidência dos argumentos até aqui explicitados: padecemos da mesma virtude tacanha que nos acomoda ao conforto e ao bem estar ainda aquecidos na lareira de nosso acovardamento. Sentamos em bares e ingerimos nossos pequenos venenos enquanto os cães ingerem a água da lama, as crianças são banidas de suas brincadeiras e nossos jovens são reiteradamente habituados a se tornarem maus atores de si mesmos. É por isso que a religião continua a imperar com seu cinismo aviltante e simplesmente viramos as costas para a vida pública ou política, ou – na versão otimizada de nosso cinismo – nós nos identificamos tão facilmente com forças corrosivas dispostas a acelerar a barbárie em curso.² Por ainda sermos tão pequenos, poucos de nós são autênticos:

Para a pequena virtude gostariam de me atrair e louvar; ao tique-taque da pequena virtude gostariam de persuadir meu pé: eles ficaram menores e se tornaram cada vez menores: - mas isto se deve a sua doutrina da felicidade e da virtude. É que são modestos também na virtude – pois querem o bem-estar. Mas somente a virtude modesta condiz com o bem-estar. Sem dúvida, também aprendem a caminhar à sua maneira, e caminhar para frente: a isso chamo seu claudicar – Assim se tornam um obstáculo para todo aquele que tem pressa [...] Alguns deles querem, mas a maioria é apenas objeto do querer. **Alguns deles são autênticos, mas a maioria deles é de maus atores. Há atores sem o saber entre essas pessoas, e atores sem o querer** -, os autênticos são sempre raros, em especial os atores autênticos [...] (Nietzsche, 2011).

Referências

- Ansell-pearson, K. (1997). *Nietzsche como pensador político: uma introdução*. Tradução de Mauro Gama, Claudia Martinelli. Jorge Zahar Ed.
- Lefranc, J. (2005). *Compreender Nietzsche*. Tradução de Lúcia M. Endlich Orth. Editora Vozes, 2005.
- Menezes, D. M. (2022). *A proposta ético:estética de Nietzsche: da crítica ao último homem à condução artística da vida cotidiana*. Editora Dialética.
- Menezes, D. M. (2022). *Considerações sobre a crítica de Nietzsche à modernidade política*. Brazilian Journal of Development (BJD). 8(4), 27850 – 27857. <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/46684/pdf>
- Müller-lauter, W. (1997). *A doutrina da vontade de poder em Nietzsche*. Tradução de Oswaldo Giacóia Junior. Anablume,
- Machado. R. (2002). *Nietzsche e a verdade*. Graal.

² É por isto que, segundo Giacóia “A figura do último homem é o signo e a alegoria daquela visão espectral, em que a humanidade perde toda dimensão de grandeza e singularidade, para condenar-se à mediocridade anônima do rebanho uniforme de anões hedonistas, auto complacentes na fruição infinita de anódinos prazeres iguais para todos [...]” Cf. (Giacóia, 2002).

- Machado, R. (2002). *Zaratustra: tragédia nietzschiana*. (4a ed.), Zahar.
- Nietzsche, F. W. (1967-77). *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe (KSA)*. Organizada por Giorgio Colli e Mazzimo Montinari. Munique: Gruyter & Co.
- Nietzsche, F. W. (1974). *Obras incompletas*. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho. Abril Cultural. (Coleção Os Pensadores).
- Nietzsche, F. W. (2001). *A gaia ciência*. Tradução de Paulo César de Sousa. Companhia das letras.
- Nietzsche, F. W. (2005). *Além do bem e do mal*. Tradução de Paulo César de Sousa. Companhia das Letras.
- Nietzsche, F. W. (2001). *Assim falou Zaratustra*. Tradução de Paulo César de Sousa. Companhia das Letras.
- Nietzsche, F. W. (2004). *Aurora*. Tradução de Paulo César de Sousa. Companhia das Letras.
- Nietzsche, F. W. (2002). *A grande política, fragmentos*. Introdução, seleção e tradução de Oswaldo Giacoia. Campinas: editora Unicamp.
- Nietzsche, F. W. (2008). *Crepúsculo dos Ídolos*. Tradução de Paulo César de Sousa. Companhia das Letras.
- Nietzsche, F. W. (1995). *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. Tradução de Paulo César de Sousa. Companhia das Letras,
- Nietzsche, F. W. (2004). *Fragmentos do Espólio: julho de 1882 a inverno de 1883/ 1884*. Seleção, Tradução e Prefácio de Flávio R. Kothe. Brasília: Editora Universidade de Brasília,
- Nietzsche, F. W. (2008 a). *Fragmentos do Espólio: primavera de julho de 1884 a outono de 1885*. Seleção, Tradução e Prefácio de Flávio R. Kothe. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Nietzsche, F. W. (2007). *Fragmentos Finais*. Seleção, Tradução e Prefácio de Flávio R. Kothe. Editora Universidade de Brasília.
- Nietzsche, F. W. (2012). *Fragmentos Póstumos: 1887-1889*. Volume VII. Tradução de Marco Antônio Casanova. Forense Universitária.
- Nietzsche, F. W. (1998). *Genealogia da moral*. Tradução de Paulo César de Sousa. Companhia das Letras.
- Nietzsche, F. W. (2005). *Humano, demasiado humano*. Volume I. Tradução de Paulo César de Sousa. Companhia das letras.
- Nietzsche, F. W. (2008 b) *Humano, demasiado humano*. Volume II. Tradução de Paulo César de Sousa. Companhia das letras.
- Nietzsche, F. W. (2007 a). *O Anticristo*. Tradução de Paulo César de Sousa. Companhia das Letras.
- Nietzsche, F. W. (2007 b). *O nascimento da tragédia*. Tradução, notas e posfácio: J. Guinsburg. Companhia das Letras.
- OLIVEIRA, M. (1993). *Ética e sociabilidade*. Ed. Loyola.